

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - LICENCIATURA**

MÁRCIO NOGUEIRA PAIXÃO

**#RUIRESISTE: UMA REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE
EDUCAÇÃO A PARTIR DA MANIFESTAÇÃO POLÍTICA
PELA PERMANÊNCIA DA MUNICIPALIZAÇÃO DO
ENSINO MÉDIO NA CIDADE DE CABO FRIO EM 2017**

NITERÓI

2019

MÁRCIO NOGUEIRA PAIXÃO

**#RUIRESISTE: UMA REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE
EDUCAÇÃO A PARTIR DA MANIFESTAÇÃO POLÍTICA
PELA PERMANÊNCIA DA MUNICIPALIZAÇÃO DO
ENSINO MÉDIO NA CIDADE DE CABO FRIO EM 2017**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Federal
Fluminense como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciatura plena em
Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Elisabete Cristina
Cruvello da Silveira

NITERÓI

2019

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

P142# Paixão, Márcio Nogueira

#Ruiresiste: uma reflexão crítica sobre educação a partir da manifestação política pela permanência da municipalização do ensino médio na cidade de cabo frio em 2017 / Márcio Nogueira Paixão ; Elisabete Cristina Cruvello da Silveira, orientadora. Niterói, 2019.

31 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais (Bacharelado/Licenciatura))-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2019.

1. Sociologia. 2. Ensino Médio. 3. Documentário. 4. Produção intelectual. I. Cruvello da Silveira, Elisabete Cristina, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD -

MÁRCIO NOGUEIRA PAIXÃO

**#RUIRESISTE: UMA REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE
EDUCAÇÃO A PARTIR DA MANIFESTAÇÃO POLÍTICA
PELA PERMANÊNCIA DA MUNICIPALIZAÇÃO DO
ENSINO MÉDIO NA CIDADE DE CABO FRIO EM 2017**

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Elisabete Cristina Cruvello da Silveira – Orientadora
Universidade Federal Fluminense

Prof^a. Dr^a. Hélène Cécile Petry
Universidade Federal Fluminense

Prof^a. Dr^a. Rosana Teixeira
Universidade Federal Fluminense

NITERÓI

2019

à minha sobrinha Sofia e ao meu sobrinho Theo

AGRADECIMENTOS

Aos meus sobrinhos por potencializarem o meu desejo por justiça social.

À minha mãe Lucicleide por acreditar no poder de transformação que a educação é capaz, e ao meu pai José de Arimatéia por introjetar em mim a inquietação para conhecer novos lugares.

À minha irmã por ser tão diferente de mim ao ponto de me fazer refletir sobre equidade.

Ao meu marido Bruno João pela inteligência compartilhada, e pelos incansáveis dias de afeto, sobretudo quando tudo parece não ir tão bem.

À Universidade Federal Fluminense por viabilizar meu crescimento enquanto ser humano em contato com distintas culturas.

Aos amigos que fiz durante esse árduo, longo e construtivo processo de formação na licenciatura.

Ao Colégio Municipal Rui Babosa e todos os professores e professoras que possibilitaram o início da minha desconstrução de certezas.

RESUMO

Este artigo monográfico analisa criticamente as consequências transformadoras de uma formação básica crítica e reflexiva a partir das manifestações realizadas no ano de 2017 pelo Colégio Municipal Rui Barbosa (CMRB) pela permanência da municipalização do Ensino Médio na cidade de Cabo Frio. A pesquisa se propõe a dialogar com teóricos da Educação e da Sociologia, e apresenta notícias vinculadas em sites e o filme documentário *O RUI RESISTE!* (2017) para contextualizar esta prática educacional cunhada na transformação social pela criticidade reflexiva. As questões norteadoras do artigo são: Qual a importância de uma escola pública e gratuita que prioriza uma prática educacional baseada na construção de uma formação de cidadania crítica e reflexiva? Como se dá a práxis deste movimento educacional proposto pelo CMRB? Os resultados da pesquisa sinalizam que uma escola pública de qualidade e gratuita precisa produzir em seus alunos e alunas uma capacidade de reflexão para ser aplicado a partir do lugar na qual eles e elas estão circunscritos. É desta forma, construindo um espaço dialógico e dialético, com educadores críticos, onde todos estão orientados por um projeto político-pedagógico e filosófico inclusivo e emancipador que será possível a construção de sujeitos transformadores em nossa sociedade como é o caso do CMRB.

Palavras-chave: educação, sociologia, documentário, ensino médio

ABSTRACT

This monographic article critically analyzes the transformative consequences of a critical and reflexive basic formation from the demonstrations held in 2017 by the Municipal School Rui Barbosa (CMRB) for the permanence of the municipalization of High School in the city of Cabo Frio. The research proposes to dialogue with education and sociology theorists, and presents linked news on websites and the documentary film *O RUI RESISTE!* (2017) to contextualize this educational practice coined in the social transformation by the reflexive criticism. The guiding questions of the article are: What is the importance of a free public school that prioritizes an educational practice based on the construction of a critical and reflective citizenship formation? How does the praxis of this educational movement proposed by the CMRB come about? The results of the research indicate that a public school of quality and free of charge must produce in its students a capacity for reflection to be applied from the place in which they and they are circumscribed. It is in this way, building a dialogical and dialectical space, with critical educators, where all are guided by an inclusive and emancipatory political-pedagogical and philosophical project that will be able to construct transforming subjects in our society as is the case of CMRB.

Keywords: education, sociology, documentary, high school

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cartaz do filme Tudo Bem (1978) de Arnaldo Jabor.....	13
Figura 2 - Estudantes ocupando a prefeitura de Cabo Frio contra a estadualização do Ensino Médio na cidade.....	17
Figura 3 - Plano curricular 1990.....	21
Figura 4 - Cartaz do filme O Rui Resiste! (2017).....	27

Sumário

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 O BRASIL DE 1978 E O COLÉGIO MUNICIPAL RUI BARBOSA: OS ENGENDRAMENTOS ECONÔMICOS, SOCIAIS, POLÍTICOS E CULTURAIS	12
1.2 GREVE, CINEMA E MÚSICA	12
1.3 “EU JÁ FUI JUNQUEIRO ORTIZ NO INÍCIO DE UMA HISTÓRIA GLORIOSA, DE CABO FRIO PASSEI A SER RUI BARBOSA, RUI BARBOSA”	16
1.4 O ENSINO DE SOCIOLOGIA NO CMRB	21
2 O RUI RESISTE: A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO NO CINEMA.....	23
2.1 LUTA EM REDE	24
2.2 FAZENDO UM FILME.....	25
2.3 AS VOZES DE UMA EDUCAÇÃO CRÍTICA, AUTÔNOMA E REFLEXIVA	26
2.4 À LUZ DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO.....	28
3 CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31
REFERÊNCIAS FÍLMICAS.....	32

“Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor.” (Paulo Freire – Pedagogia do Oprimido)

1 INTRODUÇÃO

Neste presente artigo monográfico proponho analisar as consequências de uma escola pública municipal de Ensino Médio que prioriza em seu Projeto Político Pedagógico o pensamento crítico e reflexivo na formação dos seus alunos e alunas. A escola em questão é o Colégio Municipal Rui Barbosa (CMRB) localizado na cidade de Cabo Frio no estado do Rio de Janeiro, e que ano de 2017 se organizou politicamente a fim de impedir a estadualização das escolas públicas municipais da cidade que assim como ela, ofereciam o Ensino Médio.

Pensar questões como essa é trazer para a superfície uma possibilidade concreta de transformação social que visa confrontar diretamente a desigualdade socioeducacional existente no país. Enquanto ex-aluno do Colégio Municipal Rui Barbosa trago também para este trabalho a minha experiência nos anos que lá estudei em diálogo com a minha prática artística profissional, uma relação de afeto e construção política que valoriza e endossa a importância de uma formação escolar básica ‘contestadora de mundo’. No campo acadêmico, o artigo aposta num adensamento epistemológico sobre as práticas educacionais, produzindo uma construção reflexiva que atravessa a importância do ensino da sociologia que é ameaçada nos dias de hoje. Qual a importância de uma escola pública e gratuita que prioriza uma prática educacional baseada na construção de uma formação de cidadania crítica e reflexiva? Como se dá a práxis deste movimento educacional proposto pelo CMRB? Assim será possível compreender a relevância desta temática para a construção de um pensamento analítico sobre a educação básica pública, gratuita, de qualidade e transformadora no Brasil.

Para que seja possível alcançar esse objetivo aqui proposto, vou buscar na intersecção com a História, através de documentos; Plano Político Pedagógico do CMRB, notícias de jornais e sites, e o filme que dirigi sobre a manifestação de 2017.

Também no que propõe intelectuais como Paulo Freire em seus livros; *PEDAGOGIA DO OPRIMIDO* (1987), *PEDAGOGIA DA AUTONOMIA* (1996), e Wright Mills em sua obra *A IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA* (1959)

1.1 O BRASIL DE 1978 E O COLÉGIO MUNICIPAL RUI BARBOSA: OS ENGENDRAMENTOS ECONÔMICOS, SOCIAIS, POLÍTICOS E CULTURAIS

Refletir criticamente é contar com a História como nossa aliada. Se estivermos atentos ao passado, será sempre possível iniciar alguma organização lógica do tempo presente. Os embaraços da contemporaneidade sempre nos acometem inicialmente ao lugar do desconhecido, confuso e inteligível. Isso se dá porque não trazemos à tona a História com suas fontes e obras como testemunho dos processos do ontem para pensarmos o hoje. Olhar pra trás é iniciar o mapeamento do agora, é começar a procurar alguma ponta no emaranhado para que que nos possibilite algum caminho rumo a algum lugar que nos proporcione jornadas progressivas para que assim não nos percamos nos círculos confusos e estagnantes que nos são apresentados. Vamos utilizar então dos mesmos artifícios postos por Eric Hobsbawm (2008):

Não é possível escrever a história do século xx como a de qualquer outra época, quando mais não fosse porque ninguém pode escrever sobre o seu próprio tempo de vida como pode (e deve) fazer em relação a uma época conhecida apenas de fora, em segunda ou terceira mão, por intermédio de fontes da época ou obras de historiadores posteriores. (2008:7)

Então, nessa parte primeira do trabalho a História vai nos conduzir, nos referenciar na trajetória do CMRB, vamos buscar olhar para o seu passado como uma parte importante para compreendermos o seu lugar no mundo na contemporaneidade.

1.2 GREVE, CINEMA E MÚSICA

1978, o Brasil está sob os comandos dos militares, aponta-se um embrionário enfraquecimento no regime ditatorial dando início a um processo que culminará na redemocratização do país anos mais tarde. Nesse momento os intelectuais começam a

refletir sobre o que virá depois dos Anos de Chumbo: Marilena Chauí e Marco Aurélio Nogueira no artigo, *O PENSAMENTO POLÍTICO E A REDEMOCRATIZAÇÃO DO PAÍS* (2007), afirmam que a partir de 1974 acontecimentos como a derrota dos militares nos principais Estados do país, inclusive São Paulo, nas eleições para o Senado e o fracasso deles ao tentarem invisibilizar um protesto contra o assassinato do jornalista Vladimir Herzog, morto nos porões do Doi-Codi, começa a apontar, segundo os autores, um início de um debilitamento no regime militar.

A segunda metade nos anos 70 nos apresenta um país fortemente mobilizado por parte da sociedade civil. Estudantes estão nas ruas exigindo a democracia, cresce o movimento pela anistia, e os trabalhadores participam de movimentos contra a carestia e a alta dos custos de vida. Era preciso retomar a pluralidade, o diálogo entre as diferentes formas de pensar, desatar os nós dos arrochos que sufocavam os trabalhadores, permitir que os estudantes tenham suas reflexões críticas asseguradas pelo Estado e não criminalizadas.

Um marco nesta conjuntura efervescente e necessária é o dia 12 de maio de 1978, o ano que o Brasil conheceu o início da maior greve dos trabalhadores de sua história. Liderado por Luiz Inácio Lula da Silva os metalúrgicos da Scania cruzam os braços e paralisam toda a produção da montadora. O motivo da greve histórica no ABC paulista é uma devolutiva contra o Estado ditatorial que diminuiu os salários e mentia sobre os dados inflacionários, o que precarizava a vida de todo e qualquer trabalhador que dependia unicamente dos seus salários para a sua sobrevivência. Essa importante resposta da classe trabalhadora brasileira foi sistematizada por Santana:

Ao longo do período ditatorial, uma negociação salarial se transformava em algo politizado na origem, já que deixava de ser uma mera negociação salarial entre capital e trabalho, mas algo que poderia fazer ruir a política econômica do regime. Ainda mais com a presença de uma categoria forte como a dos metalúrgicos. (2018:20)

Em 13 de outubro de 1978 foi promulgada pelo Congresso Nacional a Emenda Constitucional número 11 que revogava, a partir de 1º de janeiro de 1979, o AI-5.

O AI-5 foi o momento mais duro do regime ditatorial militar brasileiro, a censura, num ato repressivo, arbitrário e abrupto, calou os meios de comunicação, as produções artísticas e culturais e os cidadãos. Tudo que fosse produzido como uma contrarresposta ao regime militar seria tratado como um crime de desordem,

balbúrdia, e seus produtores seriam perseguidos, presos, interrogados e se tivessem alguma sorte, se livrariam das bárbaras torturas, e se tivessem ainda mais sorte, não eram assassinados. Constituído no dia 13 de Dezembro de 1968 sob a égide do então ditador Costa e Silva, o Ato Institucional nº5 foi, segundo as estimativas de Zuenir Ventura em seu livro, *1968, O ANO QUE NÃO TERMINOU (2013)*, foi responsável por cerca de 500 filmes, 450 peças de teatro, 200 livros, dezenas de programas de rádio, 100 revistas, mais de 500 letras de música e alguns capítulos e sinopses de telenovelas. A censura à imprensa, durante os dez anos de vigência do AI-5 faz com que este seja, como afirma Gaspari (2003) o mais prolongado período de censura da história do Brasil independente. Um importante depoimento desse momento foi colocado pelo historiador Paulo César de Araújo em seu livro *EU NÃO SOU CACHORRO NÃO (2002)*, onde o cineasta Cacá Diegues aponta essa vigilância antidemocrática em uma entrevista que deu para o jornal O Estado de São Paulo em agosto de 1978, “Acho muito grave essa espécie de patrulha ideológica que existe no Brasil. Uma espécie de polícia política que fica te vigiando nas estradas da criação, para saber se você passou da velocidade permitida.”

No 11º Festival de Cinema de Brasília, Arnaldo Jabor estreava *Tudo Bem (1978)*. O aclamado filme de Jabor aborda de maneira irônica e dura a questão da cordialidade do povo brasileiro, onde as relações de classe e raça entendidas como amistosas no imaginário social são desconstruídas até tangenciar uma estrutura social problemática, desigual e injusta. A narrativa visual de Jabor critica em um forte tom de deboche o Brasil do “Milagre Econômico”, da crença otimista de um país “melhor” sob às mãos do regime militar. *Tudo Bem (1978)* recebe o prêmio de melhor filme do festival naquele ano, se consagra como o melhor filme da carreira do cineasta cinemanovista Arnaldo Jabor e se torna uma importante peça histórica para nos ajudar a refletir sobre o Brasil dos anos 70 entre os governos dos generais Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) e Ernesto Geisel (1974-1979)]

Figura1 – cartaz do filme Tudo Bem (1978) de Arnaldo Jabor



Fonte: IMDB (2013)

Nesse mesmo ano a cantora Beth Carvalho lança nas rádios de todo o país o que seria um de seus maiores sucessos, Vou Festejar, de autoria de Jorge Aragão, Neoci Dias e Dida. A música interpretada na voz da popular sambista brasileira fez um sucesso absurdo em todo território nacional e ganhou destaque em um dos programas de maior audiência, o Fantástico. No videoclipe realizado pelo programa, um narrador inicia o vídeo tecendo o seguinte comentário, “O samba de carnaval do tipo arrasta povo, já está fazendo o Brasil inteiro dançar e cantar com Beth Carvalho e o Cacique de Ramos.”. Esse samba vai se tornar um referencial de luta para os principais movimentos de esquerda que atuam pela abertura política no Brasil do regime militar no final dos anos 70 e início de 80 como menciona a própria Beth Carvalho em uma nota escrita por ela após ter a sua música utilizada por uma

manifestação organizada pelo movimento de direita Vem Pra Rua no dia 16 de agosto de 2015.

Tal movimento está em dissonância absoluta tanto com os meus posicionamentos políticos, como com o que esta música representa historicamente. Não poderia ser usada em hipótese alguma. Para que fique bem claro, eu, Beth Carvalho sempre me posicionei ao lado de líderes como Che Guevara, Fidel Castro, Hugo Chavez, Leonel Brizola, João Pedro Stédile. Inclusive, a música “Vou Festejar”, gravada primeiramente em 1978, sempre representou movimentos de esquerda e de abertura política como as Diretas Já e o segundo turno de Lula contra o Collor em 1989. (CARVALHO, 2015)

É sob esse tom mediado por suspiros produzidos por muita resistência, luta, arte e contracultura, objetivando um país livre do autoritarismo político onde a liberdade de expressão, melhores condições de trabalho, subsistência e dignidade possam vigorar e fazer do Brasil um país democrático, inclusivo e igualitário, que vai ser municipalizada uma escola do litoral do estado do Rio de Janeiro.

1.3 “EU JÁ FUI JUNQUEIRO ORTIZ NO INÍCIO DE UMA HISTÓRIA GLORIOSA, DE CABO FRIO PASSEI A SER RUI BARBOSA, RUI BARBOSA”

A escola em questão é o Colégio Municipal Rui Barbosa (CMRB) localizada no município de Cabo Frio na região da Costa do Sol no estado do Rio de Janeiro. O Colégio foi adquirido em 1978, no Governo José Bonifácio. Antes de ser municipalizado, já funcionava no local uma escola privada denominada Colégio Rui Barbosa, sucessor da Escola Técnica de Comércio Junqueira Ortiz de Cabo Frio. Em 1980 passou a se chamar Colégio Municipal Rui Barbosa, denominação que perdura até hoje. A denominação justifica-se pela localização do Colégio na rua que tem este mesmo nome.

No artigo 211 da Constituição a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizam seus sistemas de ensino em colaboração, portanto, ainda que no inciso terceiro esteja postulado que é de prioridade do Estado e o Distrito Federal o Ensino Fundamental e Médio, não é vedada a participação do Município.

Segundo o Plano Político Pedagógico (PPP) de 2014 do CMRB, a aquisição do Colégio foi um dos resultados dos compromissos do então Prefeito com a

comunidade em aparelhar a estrutura da educação municipal, onde os alunos da rede pudessem ter garantido a formação educacional desde a alfabetização até o 2º Grau.

A primeira administração do Colégio esteve a cargo do Prof. Paulo Fernando de Assunção Souza, durante o período de 1978 a 1989. Esta gestão teve como principal meta a consolidação de um colégio diferente dos demais, pois buscava, além da formação intelectual dos educandos, a informação sobre as mais diferentes áreas e o aprimoramento do jovem como cidadão, consciente de seus direitos e deveres.

A busca pela diferenciação sempre esteve calcada na capacidade da instituição em poder ser um ambiente para a construção de um cidadão reflexivo, sujeito dentro do processo da história.

O exercício do poder talvez seja um dos aspectos mais complicados para a equipe diretiva das escolas. Portanto, é necessário que se discuta, antes de mais nada, sua forma de exercício: a serviço de que e de quem o poder se coloca. Hoje, mais do que nunca, é preciso que a escola garanta a função social de formar os indivíduos para uma vida digna, trabalhar para sua humanização e emancipação, onde os mesmos possam crescer como pessoa e cidadãos, através do exercício constante de sua participação nas tomadas de decisão. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2014:15)

E por conta desta demanda, o CMRB vem, ao longo de sua história, construindo-se como escola com um perfil de luta no Município de Cabo Frio. Luta-se por melhores condições de trabalho e dignidade para os profissionais da educação, principalmente na década de 80, com enfrentamento a governos autoritários, que não tinham a educação como prioridade.

Atualmente o Colégio apresenta um perfil de gestão democrática, que se aproxima do modelo que a própria escola deseja, fruto de uma luta da comunidade escolar para inserir, em 1990, na Lei Orgânica, a Lei para Eleição de Diretores de Escola. Luta iniciada nas discussões em sala de aula e transformada em movimento na busca de uma gestão democrática, com representantes escolhidos pela comunidade escolar.

Naquele ano, a direção indicada renunciou ao mandato e deu-se início ao primeiro processo eleitoral, levando o Prefeito Ivo Saldanha a encaminhar a Lei de Direção Escolar para a votação na Câmara Municipal. Essa vitória se deu por acreditarmos que é possível, coletivamente, existirem formas de se buscar a autonomia da escola (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO 2014:15)

A grande tarefa da escola é fazê-lo funcionar engendrado num projeto coletivo. Para que essa proposta possa efetivamente acontecer, é realizado

permanentemente reuniões e plenárias comunitárias, nas quais a comunidade escolar tem a oportunidade de ouvir e expor argumentos, conhecer por dentro a realidade do colégio, acompanhar o processo e também assumir compromissos.

Para Vasconcellos (2002), a intenção é garantir que esses espaços não sejam momentos de recados, cobranças ou ameaças, mas sim espaços de exercício autêntico de diálogo, de poder de decisão, do resgate da condição de sujeitos históricos de transformação, na busca do bem comum no âmbito da escola e de suas relações.

O CMRB tem se pautado em características das escolas libertadoras e libertárias, tentando desenvolver nos alunos e alunas essa consciência para que os mesmos assumam seu papel de sujeitos históricos e que se sintam protagonistas do seu processo de educação. Esta incitação que parte do campo da construção político pedagógica dentro do Colégio, nutre em cada um desses estudantes um compromisso coletivo com a instituição. Não é difícil de encontrar nos arquivos dos jornais da cidade, como é o caso da Folha dos Lagos, o veículo de informação mais antigo em atividade na cidade, notícias que mostram os estudantes junto dos professores e pais, todos mobilizados por questões que atravessam negativamente o desenvolvimento, aprimoramento e permanência dessas práticas de consciência política, social e cultural desses estudantes.

Figura 2 - Estudantes ocupando a prefeitura de Cabo Frio contra a estadualização do Ensino Médio na cidade

Alunos do Colégio Rui Barbosa fazem manifestação na Prefeitura de Cabo Frio

Movimento 'Fica Rui' é contra a estadualização do Ensino Médio

Redação | Foto: Rodrigo Cabral
Publicado em 20/03/2017 às 10:23



Fonte: Folha dos Lagos (2017)

Outro aspecto que considero importante, e que precisa ser exposto a fim de melhor ambientar o leitor às dimensões político-pedagógico do CMRB, é o que se refere aos princípios norteadores filosóficos deste Projeto Político-Pedagógico. Esses princípios filosóficos dizem respeito à visão de mundo, às concepções mais gerais em relação ao projeto de sociedade que a escola busca, ao papel da educação e à função social da escola.

A realidade do mundo pode mudar

- Crença na possibilidade de mudança no mundo, sendo que tal mudança será possível através da ação, da intervenção dos indivíduos. (...)
- O indivíduo é um sujeito mergulhado em um contexto histórico-social concreto, podendo mudar ou conservar a realidade em que vive. Em nosso caso, optamos pela mudança. (...)

Projeto de sociedade que valoriza o ser humano e o coletivo

- De acordo com a compreensão da maioria da comunidade escolar, temos uma sociedade com característica individualista e marcada pela violência. Resposta coerente com o modelo econômico e político que temos, ou seja, a sociedade capitalista, que, além da forma de ser da economia, apoia-se em um conjunto de ideias e formas de agir e pensar para justificar esse sistema.

Educação como transformadora da sociedade

- A comunidade escolar acredita que o CMRB deve contribuir para a mudança da sociedade, porque é uma das suas funções básicas.
- Reforçamos que, sozinha, não há possibilidade de a escola efetivar mudanças. A escola é um espaço privilegiado nesse processo, mas não o único espaço. Nesse caso, o Colégio precisa contar com muitos outros parceiros (outras instituições e setores da sociedade, em nível governamental e não-governamental) para realizar ações transformadoras, desde os que se disponibilizam a colaborar com as dificuldades decorrentes da precariedade do espaço físico, até os que se envolvem nas suas lutas por melhorias na educação. (...)

Formação integral do aluno

(...) - Definimos como educação integral aquela que visa desenvolver o sujeito em suas múltiplas dimensões: física ou biológica, cognitiva, social, afetiva, inter e intra-relacional, espiritual, técnico-científico-profissional, político-ideológica, cultural e estética, ética e moral..., o que poderia ser resumido na expressão *educação onilateral ou educação omilateral*, usada por Marx “para chamar a atenção de que uma práxis educativa revolucionária deveria dar conta de reintegrar as diversas esferas da vida humana que o modo de produção capitalista prima por separar”. (In Princípios da Educação no MST, 1996, p. 8).

(...) - A preparação para o ingresso no Ensino Superior é uma consequência dessa formação mais ampliada. O CMRB prepara o aluno também para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), pois, na formação integral do aluno, o ENEM faz parte do processo.

A escola é laica

- De acordo com alguns professores, uma das dificuldades que vêm sendo enfrentadas é a aceitação do conhecimento científico, por parte de alguns alunos, devido acreditarem que este conhecimento se contrapõe aos seus conhecimentos religiosos, entendidos como verdades absolutas.

(...) - O Colégio deve respeitar todas as crenças e religiões e trabalhar com os valores humanos universais. Deve valorizar o conhecimento científico na explicação dos fenômenos.

Gestão democrática

(...) - A gestão democrática implica o repensar da estrutura de poder da escola. Teremos uma nova lógica de poder: o poder compartilhado, que propicia a prática da participação coletiva; o poder solidário, que atenua o individualismo e supera a opressão.

- A direção do CMRB deve ter como prática planejar e organizar suas ações, respeitando sempre as decisões coletivas. (...) (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2014)

Para Filho (2014) uma educação pública de qualidade precisa ter a participação dos pais, a escola precisa ser um espaço de convivência e não de separação, os alunos e os professores estarem interessados, e a sociedade como um todo precisa estar disposta a arcar com os custos da mesma. Pensando nisso, e tendo o PPP até aqui analisado, podemos considerar o CMRB uma escola pública de qualidade, ainda que a instituição afirme que nos dias atuais exista “um grande distanciamento entre o que está escrito no documento e as ações vivenciadas nos diferentes setores do Colégio”, (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2014:3), e ainda também que a escola esteja engendrada em todos os atravessamentos econômicos, sociais, políticos e culturais de um país baseado na desigualdade, é imprescindível enaltecer a capacidade desta instituição de transformar socialmente os estudantes que passam por ela. A partir de sua municipalização, como bem vimos acima, o CRMB passa por um processo de afirmação e compromisso social e político para com a população cabo-friense. Este processo tem como objetivo construir uma sociedade menos desigual e mais justa através de uma educação enquanto instrumento de transformação. Desta forma os estudantes do CMRB carregam em seu *DNA* filosófico-político-pedagógico, construído dialogicamente, a capacidade de reflexão crítica sobre o mundo que estão circunscritos.

Entre 2004-2007 eu estava como aluno do Ensino Médio no CMRB. Durante este processo de formação eu pude experienciar na prática o que a escola propõe em seu PPP. Particpei de inúmeras atividades; feira de ciência, mostra de cinema, encontros literários e grêmio estudantil. Obtive uma relação muito próxima e horizontal com os profissionais desta instituição. Na ocasião eu tinha dezesseis anos e estava começando a me entender enquanto homossexual, a escola foi fundamental naquele momento, pois ali encontrei um espaço acolhedor baseado no diálogo e na liberdade. A minha família não detinha até então as ferramentas necessárias para me

ajudar a refletir sobre as questões que tangenciam à orientação sexual. Então, no momento em que a minha família me excluía, a escola se mostrava aberta e receptiva, o que garantiu dentro de mim um espaço de muito afeto e responsabilidade sobre esta instituição. O meu sentimento, e de muitos ex-alunos que ainda participam das conquistas por uma escola acessível, pública e de qualidade, é querer a permanência e a multiplicação de escolas como o CMRB, afinal, foi ela quem iniciou em mim a capacidade de dialogar com a minha família, de fortalecer a minha identidade e assim poder caminhar para tentar superar as desigualdades as quais pertencço.

1.4 O ENSINO DE SOCIOLOGIA NO CMRB

O CMRB incorporou o ensino de sociologia em seu currículo como disciplina obrigatória na gestão do Professor Lyra (1990-1993) em 1990, e depois foi ampliada com a criação de mais um tempo de 50 minutos na gestão da Professora Maria Cecília Fernandez (1996-1997), isso se deu logo após o estado garantir o ensino da disciplina em toda rede pública e privada. “Será introduzida, como disciplina obrigatória, nos currículos de 2º grau, da rede pública e privada, em todo o território do Estado do Rio de Janeiro, a Sociologia.” (Parágrafo 4º do Artigo 317, da Constituição do Estado do Rio de Janeiro, promulgada em 05 de outubro de 1989, pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro).

Figura 3 – Plano curricular 1990



PREFEITURA MUNICIPAL DE CABO FRIO
Região dos Lagos – Estado do Rio de Janeiro
Secretaria Municipal de Educação
Colegio Municipal Rui Barbosa

*Portaria 1142/92 do CDEE
Em 16/01/93*

PLANO CURRICULAR – 2º GRAU
PREPARAÇÃO PARA O TRABALHO NA MODALIDADE DE ORIENTAÇÃO PARA
O TRABALHO

DIURNO A PARTIR DE 1990.

DISCIPLINAS	CARGA HORÁRIA SEMANAL			C. H TOTAL
	1ª Série	2ª Série	3ª Série	
Língua Portuguesa	4	3	3	360
Literatura	2	2	2	216
Língua Inglesa	2	2	2	216
História	3	3	3	324
Geografia	3	3	3	324
OSPFI e Educação Moral e Cívica	-	-	2	72
Física	2	3	4	324
Química	2	4	4	360
Biologia e Programas de Saúde	2	4	3	324
Matemática	4	4	4	432
Educação Física	2	2	2	216
Educação Artística	2	X	X	72
Filosofia	2	-	-	72
Sociologia	-	2	-	72
Metodologia Científica	2	-	-	72
Educação Moral e Cívica	X	X	-	-
Orientação para o trabalho	X	X	X	-
EDUCAÇÃO GERAL	32	32	32	3456

OBS X – Atividade sempre presente

Educação Física será ministrada fora do horário normal de aulas

Atividades de Orientação para o Trabalho: pesquisas e debates sobre o mercado de trabalho, entrevistas com profissionais diversos, visitas a instituições e empresas, sondagem de aptidões, orientação vocacional, além da discussão constante através do conteúdo específico das disciplinas

13/01/93

Fonte: SEME/ Cabo Frio

A intermitência é uma característica peculiar do ensino da sociologia no Brasil, ou seja, dependendo do contexto social, econômico e político em nossa sociedade ela aparece como obrigatória, em outros momentos ela é excluída. (DIAZ, 2016). Com o fim da ditadura militar em 1985 cresceu o movimento pela retomada do

ensino de sociologia no Ensino Básico. No Rio de Janeiro essa campanha teve a frente a Associação Profissional do Estado do Rio de Janeiro, a APSERJ, entidade pré-sindical, nascida em 1982, da antiga Associação dos Cientistas Sociais do Rio de Janeiro, a ACISERJ, entidade civil fundada no ano de 1975. (OLIVEIRA; JARDIM, 2014). Então, em 1989 através de uma Emenda Popular Aditiva ao Projeto de Constituição do Estado do Rio de Janeiro (nº 1988) tornou-se obrigatório o ensino de sociologia no Ensino Médio nas escolas públicas e privadas do estado do Rio de Janeiro. Mas somente no final dos anos 90, a partir do interesse nacional pela questão, é que a disciplina passa a ser implementada com mais efetividade, antes disso, como menciona Oliveira (2014) e Jardim (2014) a implementação era lenta e repleta de dificuldade.

O ensino da sociologia segue atualmente no CMRB sendo uma disciplina obrigatória em sua grade curricular. Essa contextualização feita acima evidencia o pioneirismo e o compromisso desta instituição educacional em oferecer uma formação voltada à edificação de uma cidadania crítica para a comunidade cabofriense. Tendo em vista a preocupação da escola em ofertar aos seus alunos e alunas uma imaginação sociológica (MILLS, 1969), é inegável constatar que a inclusão da sociologia na grade de disciplinas é pensada enquanto mais um instrumento para uma educação crítica e reflexiva.

A imaginação sociológica capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para vida íntima e para carreira exterior de numerosos indivíduos. Permite-lhe levar em conta como os indivíduos, na agitação de sua experiência diária, adquirem frequentemente uma consciência falsa de suas posições sociais. (MILLS, 1969:11)

2 O RUI RESISTE: A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO NO CINEMA

No ano de 2017 dirigi o filme *O RUI RESISTE!!*, um curta documentário de 2 minutos que aborda o conflito gerado quando a Prefeitura de Cabo Frio, por meio da Secretaria de Educação, apresentou uma proposta no Fórum Municipal que pretendia acabar com a municipalização do CMRB e mais cinco escolas, alegando falta de recursos para aplicação no Ensino Médio, o que implicaria com o fechamento do CMRB, tendo em vista que dentre as cinco escolas, o CMRB é o único que oferece

apenas o ensino médio. A aprovação foi feita por 85 votos a favor contra 81. A estimativa era de que 2 mil vagas de ensino médio fossem extintas em Cabo Frio. O fim das vagas, no entanto, aconteceria de forma gradativa em um prazo de três anos e os atuais alunos e alunas, assim como os advindos do 9º ano do ensino fundamental, seriam realocados para escolas estaduais. Esta situação mobilizou, além do CMRB, todas as instituições atingidas: Centro Educacional Municipal Professora Marli Capp, Escola Agrícola Municipal Nilo Batista, Escola Municipal Arlete Rosa Castanho, Escola Municipal Professor Edilson Duarte e Colégio Municipal Professora Elza Maria Santana Rosa Bernardo.

Os alunos e alunas dessas instituições se integraram a fim de conquistarem a permanência de suas escolas sob o controle do município e não do estado. O CRMB, sendo a primeira escola da cidade a ter o ensino médio municipalizado, acaba por ser um ponto experiente de resistência à prática como essa que já havia sido tentada no ano de 2014, e em outros anos.

2.1 LUTA EM REDE

Tomei conhecimento da situação via facebook através da Professora Denize Alvarenga, na época ela era professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do CMRB, e representante dos docentes do ensino médio municipal. Uma forte campanha foi construída nessa rede social, criou-se o tema; *#RuiResiste*, para ser colocado na foto do perfil como forma de manifestação política. Alunos, alunas, seus familiares, ex-alunos, ex-alunas e todo e qualquer cidadão cabofriense que entendia a importância da permanência da municipalização do CMRB aderiram ao ato simbólico em suas redes sociais.

A campanha despertou nas redes um sentimento de acolhimento da população para com a escola. Na linha do tempo do facebook dos discentes do CMRB foi publicada memórias da instituição através de fotografias e vídeos, onde foram expostas as atividades que a escola¹ produziu durante sua trajetória a serviço da sociedade cabofriense. Foi criado também o “mural da resistência” pela professora Denize Alvarenga. Este mural foi constituído pelas imagens das pessoas que aderiram

¹ Em 2017 a escola tinha 39 anos desde a sua municipalização.

à campanha em prol da permanência do CRMB e colocaram o tema desenvolvido pelo aluno Danilo Gabriel em suas fotos do perfil do facebook. O objetivo era levar esse mural, que era atualizado todos os dias durante o processo de luta pela permanência das escolas municipalizadas, para as paredes do CMRB como símbolo da força que a instituição possui diante mais uma ameaça de fechamento por parte da prefeitura municipal da cidade.

2.2 FAZENDO UM FILME

Então, ao ver essa campanha, logo me sinto tocado e decido chegar mais perto do movimento #RuiResiste para uma contribuição que transgredisse o apoio na rede social do facebook. Nesse momento eu estou residindo em Cabo Frio, retornei em 2014 logo após me formar como bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense e também fazer o curso livre em cinema documentário pelo Observatorio Escuela de Cine Documental em Buenos Aires, Argentina. Decido ir a campo enquanto um cientista social-documentarista.

Ao chegar num ato promovido por esta ação coletiva na frente do próprio CMRB, encontro alguns dos meus antigos professores e outros profissionais que mantêm a escola viva. A cada encontro a comunicação mais efetiva era a silenciosa, o meu olhar dizia o tamanho do orgulho que eu estava sentindo por ter estudado ali, e naquele dia poder voltar como um profissional influenciado diretamente pelos seus valores dialógicos, dialéticos, multidisciplinares e horizontais que outrora recebi. O meu objetivo foi somar e replicar aquela luta que tão bem traduzia o desejo por uma escola pública, gratuita e de qualidade, e para isso eu entendi que era necessário transformar parte dessa luta em filme, o cinema aqui será pensado enquanto agente nas relações de sentido em que se engajam os sujeitos e coletivos do contemporâneo.

Lugar e amigos e amigas reconhecidos, agora eu caminho por entre as pessoas a fim de recolher depoimentos que esclarecesse a atual situação vivenciado pelo CMRB. Construo 7 entrevistas e registro as palavras de ordem e toda as disposições dos grupos que ali estão presentes. Uma em especial me chama atenção, e acaba entrando no filme, é a paródia da música Baile de Favela com uma letra adaptada para

a realidade que eles estão inseridos. “O prefeito acha que me enrola, e a SEME² acha que me enrola. O tal de Marquinhos³ acha que me enrola, promete, mas não cumpre quer fechar a minha escola.”.

2.3 AS VOZES DE UMA EDUCAÇÃO CRÍTICA, AUTÔNOMA E REFLEXIVA

Com base em Freire (1996) um educador transformador crítico insere a escolarização diretamente na esfera política e vice-versa. Dessa forma, ele concebe os alunos como agentes críticos, o conhecimento se torna problemático, o diálogo crítico e afirmativo e os argumentos, a favor de um mundo melhor para todas as pessoas. O educador crítico considera a voz ativa dos alunos, cujos sentidos e significados de ser e estar no mundo, construídos historicamente, permeiam todas as suas ações no que se refere à sua aprendizagem, à escola e à sociedade. E é exatamente essa noção crítica que as professoras e professores do CMRB faz existir em cada um desses alunos como mostra o filme.

Na montagem final do curta *O RUI RESISTE!*, selecionei o depoimento de Thainá Teixeira e Dandara de Souza, duas meninas negras. Esses depoimentos foram selecionados pois os entendi sendo a tradução dessa educação crítica e reflexiva que o CMRB prioriza no processo de formação dos seus alunos. Na época da feitura do filme, a Thainá já era ex-estudante e pertencia a Associação dos Estudantes Secundaristas do Rio de Janeiro, AERJ, e Dandara ainda era estudante do CMRB.

O Rui Barbosa não quer que a gente simplesmente reproduza o que os nossos professores ensinam. Tanto os estudantes, professores, nossa direção, nos ensinam a ter pensamento crítico, a pensar por nós mesmos, a ter a noção de que nós podemos fazer muito pela nossa sociedade e que nós fazemos parte da sociedade. Então, além disso, não é só essa questão de movimento, de política, de noção política, é uma questão que o ensino do Rui Barbosa tem sido muito produtivo, melhor muitas vezes do que o ensino das escolas privadas que a gente tem aqui, e a prova disso é que nos últimos anos a gente tem tido médias elevadíssimas no ENEM. Os alunos estão saindo do terceiro ano para ir para faculdades federais, e isso é um orgulho muito grande, porque mesmo com todos os ataques a gente está conseguindo fazer a diferença, estamos sendo uma das melhores escolas de Ensino Médio pública, e isso é um orgulho muito grande pra gente. (TEIXEIRA, 2017)

² Secretaria Municipal de Educação

³ Prefeito da cidade de Cabo Frio no ano de 2017 Marcos da Rocha Mendes

Já Dandara de Souza aponta para a questão da estratégia de ampliação dessa luta. Então ela faz uma convocação a toda comunidade cabofriense.

E essa não é uma causa só dos alunos, e sim dos moradores, das nossas famílias, dos nossos amigos. Ex-estudantes. Como vocês viram, tem vários ex-estudantes aqui lutando por essa causa, e eu convido a todos que lutem junto conosco, porque é uma coisa não só do nosso interesse, mas que também vai ajudar outras pessoas futuramente numa boa formação. (SOUZA, 2017)

Com o filme finalizado, decido inscrevê-lo no II Cine Tamoio Festival de Cinema de São Gonçalo, o intuito era levar essa mensagem para o maior número de pessoas possíveis e fazê-lo ganhar prestígio e visibilidade enquanto um produto cinematográfico, assim seria mais notório chamar atenção sobre a luta do CMRB e trazer para o espectador o mesmo sentimento de resistência que estava em todos nós. Fomos selecionados para o festival, e na noite da premiação que homenageava Zezé Motta, importante artista da resistente cultura negra brasileira, estávamos eu, Thainá e Dandara para participar do evento. Para nossa surpresa fomos premiados na categoria Menção Honrosa. Subimos ao palco, e mais uma vez Thainá e Dandara trouxeram os ecos de uma educação crítica, autônoma e reflexiva.

Esse documentário foi muito importante pra gente, por que a gente teve representado uma coisa que é um histórico da nossa escola, e muitas escolas do nosso país, infelizmente, continuam sofrendo ataques, e a resistência é a única saída. A gente passou por diversos períodos de greve, com funcionários sem receber, sem ter material de limpeza na escola, sem ter livros, mas ainda assim a gente continuava lá, lutando pela nossa escola, porque a gente sabia que eles queriam acabar com a gente porque eles tinham medo. Porque a nossa escola que se organizava politicamente, e durante décadas ele continuavam tentando acabar com a nossa escola, e a gente não deixou isso acontecer. E eu fico muito feliz porque a gente falou aqui como a cultura é importante, e olhando por esse lado, e não só politicamente nossa escola tem ajudado a gente. Todas as nossas gincanas, produzindo teatro, produzindo músicas, danças, todo tipo de arte que é tão incentivado e cobrado pelos nossos professores, isso continua movimentando e trazendo arte para muitas pessoas, que assim como eu não tinha acesso. Então eu sou muito grata, e eu sinto que a gente tem que continuar dando valor para estes momentos porque é isso que incentiva essa arte continuar e essa resistência se manter. (TEIXEIRA, 2017)

O Rui Barbosa é uma escola que já vem lutando muito anos para que ela não feche. Os prefeitos da cidade vêm sempre tentando fechar. (...) Nós estudantes, e ex-estudantes nos reunimos com manifestações em frente à prefeitura, lutando para que ele não faça isso. No ano passado foi muito dolorido, foi o ano mais devastador pra nós, tivemos uma das piores greves, mas lutamos e conseguimos que a escola ficasse. Mas esse ano já está entrando em greve de novo, o prefeito não está pagando os salários dos professores. E é isso, a gente vai continuar lutando sempre para que a

nossa escola continue mantida de pé, e a gente vai estar sempre aí lutando, porque se a gente se fechar as portas nunca ficarão abertas para nós. Rui Resiste! (SOUZA, 2017)

Figura 3 Cartaz do filme O Rui Resiste! (2017)



Fonte: Página do facebook - Olho de Cão

2.4 À LUZ DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Em *PEDAGOGIA DO OPRIMIDO* (1987), Paulo Freire propõe uma explicação da importância e necessidade de uma pedagogia dialógica emancipatória do oprimido, em oposição à pedagogia da classe dominante, que contribua para a sua libertação e sua transformação em sujeito cognoscente e autor da sua própria história através da práxis enquanto unificação entre ação e reflexão.

Pensando as falas de Thainá e Dandara, tanto no filme quanto na premiação do festival, podemos perceber alguma atitude libertadora freiriana

oriunda de uma pedagogia do oprimido. Para Freire (1987) a pedagogia do oprimido possui características que a classifica enquanto uma pedagogia humanista e libertadora, esta pedagogia terá dois momentos. O primeiro é quando este oprimido vai descobrindo o universo da opressão e vai comprometendo-se na práxis com a sua transformação. Thainá e Dandara caminham exatamente dentro deste processo, quando desejam lutar pela permanência de sua escola, essas meninas estão refletindo e construindo o seu lugar no mundo, se comparado aos lugares às quais elas pertencem; mulher, negra e oriunda de classe social desfavorecida, assume-se em evidência a potência transformadora desta atitude fruto de uma educação libertadora.

O segundo momento é quando se transforma essa realidade opressora, segundo o autor, ela deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia das pessoas em processo de permanente libertação. Freire (1987) afirma ainda que independente do momento, seja no primeiro, ou no segundo, “será sempre a ação profunda, através da qual se enfrentará, culturalmente, a cultura da dominação.” (FREIRE, 1987:24). Nesse momento preciso evidenciar a minha participação no processo aqui descrito, pois não seria possível hoje eu ser quem eu sou, bacharel em Ciências Sociais, documentarista, e logo depois da aprovação deste presente artigo, professor de sociologia, se eu não tivesse pertencido ao CMRB. Nesta escola o mundo se abriu em sua complexidade pra mim, me entendi enquanto um sujeito histórico capaz de deslocar perspectivas, sair do lugar comum e começar a problematizar o que me foi “apresentado” como dado. Por exemplo, o papel da arte e suas práticas que a escola me fez entender, foi justamente o que me trouxe até ela outra vez neste ano de 2017, pois foi no CMRB que entendi que as práticas artísticas também são instrumentos de transformação social, e carregam em si uma potência desconstrutiva inesgotável. Posso citar aqui a minha última participação na gincana interdisciplinar que ocorre todos os anos. Eu estava matriculado na turma 3007 no turno da noite e fiquei responsável por dirigir uma pequena cena teatral, esquete, que deveria partir do tema “trabalho”. Éramos um grupo de 7 alunos, tive a ideia de construir uma imensa máquina onde cada um representava uma peça dessa engrenagem, se alguma dessas peças parassem de funcionar, a máquina ruiria. Em seguida todos começavam a construir placas para uma manifestação enquanto eu cantava a música *É HORA* do Djavan, “É hora de trabalhar, é hora de receber, é hora de se comer o pão que o diabo

amassou.”. Ao término da música cada um ia levantando a sua placa que carregava mensagens contra a exploração dos seus respectivos patrões. A conclusão foi a construção de uma grande greve dos trabalhadores.

Portanto, enquanto ex-aluno bacharel em ciências sociais, quando decido filmar a manifestação da comunidade do CMRB, eu não estou só utilizando a prática cultural para combater a cultura da opressão, mas também estou me afirmando enquanto um sujeito político em processo permanente de libertação, o que me permite não querer reproduzir as práticas do opressor como afirma Freire (1987).

3 CONCLUSÃO

Uma escola pública de qualidade e gratuita precisa produzir em seus alunos e alunas uma capacidade de reflexão para ser aplicado a partir do lugar na qual eles e elas estão circunscritos. É desta forma, construindo um espaço dialógico e dialético, com educadores críticos, onde todos estão orientados por um projeto político-pedagógico e filosófico inclusivo e emancipador que será possível a construção de sujeitos transformadores em nossa sociedade como vimos neste artigo a partir do caso do CMRB. Tendo em vista os ataques recentes contra o ensino da sociologia no Ensino Médio e Superior pelo governo Bolsonaro, e se comparado às práticas educacionais exercidas pelo CRMB, fica claro constatar que o atual governo tem interesse nesta ação justamente para não multiplicar saberes libertadores como o que é proposto pelo CMRB.

A luta pela municipalização do CMRB e de mais 5 escolas que oferecem Ensino Médio, terminou com a vitória para a população da cidade de Cabo Frio. A prefeitura não conseguiu comprovar em audiência no Ministério Público que os gastos com o Ensino Médio inviabilizariam a manutenção do Ensino Fundamental e Educação Infantil. O Ensino Médio municipalizado só seria efetivamente extinto se os vereadores propusessem o fim como está posto na Lei Orgânica Municipal.

Estudantes como Thainá Teixeira e Dandara de Souza, que acreditam numa escola pública, gratuita e de qualidade como espaço de transformação social, política e cultural, não deixam que isso aconteça, pois o lugar na sociedade desigual que elas pertencem clama por uma educação enquanto instrumento de desalienação, e ascensão social. Thainá hoje é estudante de graduação na Escola de Belas Artes da

Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Dandara de Souza é graduanda no Instituto Federal Fluminense no campus de Cabo Frio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Paulo César de. **Eu não sou cachorro não: música popular cafona e ditadura militar**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

CHAUI, Marilena. NOGUEIRA, Marco Aurélio. **O pensamento político e a redemocratização do Brasil**. *Lua Nova* [online]. 2007, n.71, pp.173-228.

COLÉGIO MUNICIPAL RUI BARBOSA. **Projeto político pedagógico**. Cabo Frio, 2014

DIAZ, Sandra Maria M. Sociologia no ensino médio no Brasil: da intermitência à invisibilidade. Tese (Doutorado em Educação) – Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2016.

FILHO, Luciano M. de Farias. **A qualidade da escola pública: a necessidade de novos consensos**. Pensar Educação. UFMG, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

_____. **Pedagogia do oprimido** São Paulo: Paz e Terra, 1987

GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

HOBSBAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.7

MILLS, Wright. *A Imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

OLIVEIRA, Otair Fernandes de. JARDIM, Antônio de Ponte. **O retorno da Sociologia no ensino médio no Rio de Janeiro: uma luta que merece ser pautada**. Labes. UFRJ, 2009.

Portal Fantástico – Videoclipe Vou Festejar – Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/894960/>> Acesso em 7 de Maio de 2019.

Portal Metrópole – 11º Festival de Brasília – Disponível em: <<https://www.metropoles.com/fbcb/11o-festival-de-brasilia-do-cinema-brasileiro-1978m>> Acesso em 4 de maio de 2019.

Portal Viomundo – Nota de Beth Carvalho – Disponível em: <<https://www.viomundo.com.br/denuncias/beth-carvalho-repudia-uso-de-vou-festejar-em-passeata-da-direita-minha-voz-e-meu-samba-nao-os-representam-nem-hoje-nem-ontem-nem-nunca.html>> Acesso em 7 de maio de 2019.

SANTANA, Marco Aurélio. **Classe trabalhadora, confronto político e democracia: o ciclo de greves do abc paulista e os desafios do sindicalismo atual.** *Lua Nova* [online]. 2018, n.104, pp.19-65.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Coordenação do Trabalho Pedagógico. Do Projeto político-Pedagógico ao Cotidiano da Sala de Aula.** São Paulo: Libertad, 2002.

VENTURA, Zuenir. **1968: O ano que não terminou.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

REFERÊNCIAS FÍLMICAS

JABOR, Arnaldo. **Tudo Bem.** 111 min. 1978

PAIXÃO, Márcio. **O Rui Resiste!** 2 min. 2018